

Itinerário Espiritual para o Ano Jubilar de Fundação



I Etapa

21 de novembro de 2022 a 10 de fevereiro de 2024

APRESENTAÇÃO

Propomos um itinerário espiritual que acompanhará o tempo de graça do Jubileu de fundação de nossa Congregação (21 de novembro de 2022 a 10 de fevereiro de 2024) e que, ao longo do caminho, alimentará a gratidão, a memória, a reconciliação, a renovada fidelidade e a alegria da missão.

O Itinerário é adequado para todos: irmãs, jovens em primeira formação, irmãs e irmãos da Família Paulina, Amigos e Amigas do Divino Mestre – Cooperadores Paulinos, colaboradores, membros da família e conhecidos. O importante é desejar caminhar juntos, iluminados pela Palavra de Deus e na companhia do Bem-Aventurado Tiago Alberione, do Bem-Aventurado Timóteo Giaccardo, da Venerável Madre Escolástica Rivata.

Este Itinerário é traçado para seguir o ritmo do Ano Litúrgico e da nossa história, lembrando com gratidão as maravilhas realizadas pelo Senhor:

I. Jubileu: tempo de graça

21 de novembro de 2022 a 21 de fevereiro de 2023

II. Jubileu: tempo de retorno e de perdão

Quarta-feira de Cinzas – 22 de fevereiro a Quinta-feira Santa – 6 de abril de 2023

III. Jubileu: tempo de renovada fidelidade, confiança e alegria partilhada

9 de abril – Domingo de Páscoa a 30 de agosto de 2023

IV. Jubileu: tempo de despertar a consciência

1º de setembro de 2023 a 10 de fevereiro de 2024

Para cada etapa, são sugeridos textos bíblicos, do Magistério da Igreja, memória carismática e datas significativas, para celebrar com sensibilidade espiritual e as iniciativas que surgem em cada comunidade e Circunscrição.

O Secretariado para a Espiritualidade de cada Circunscrição, em diálogo com o Centro de Estudo e Pesquisa, pode preparar celebrações, orações ou reflexões para ajudar as comunidades a seguir o itinerário, etapa por etapa, de acordo com o ritmo de cada realidade. Caso deseje entrar em contato, favor escrever para o seguinte e-mail: centrostudiricerche@pddm.org.

Convidamos você a celebrar o Jubileu de fundação, garantindo que cada etapa transcorra em valor simbólico: não se trata de conhecimento mental, de adquirir conceitos, mas de uma experiência vital.

Ajudemo-nos a assumir a atitude interior que nos permitirá situar e compreender o símbolo sugerido para este caminho: plantar uma árvore como manifestação de vida nova, acolhida pelo Criador, cuidadosamente guardada por nós, para que outras gerações possam colher e apreciar os frutos nos tempos que virão. Nós escolhemos quando, em que estágio e como realizar este gesto na hora certa e no lugar certo para que seja um gesto gerador de vida nova.

Caminhemos, portanto, juntos, sustentados mutuamente pela fidelidade de Deus que nos nutre a cada dia com sua Palavra e o Pão da Vida, refazendo nossos passos nas pegadas do Mestre Jesus, como mulheres do Evangelho.

I ETAPA

JUBILEU: TEMPO DE GRAÇA

21 de novembro de 2022 a 21 de fevereiro de 2023



O Espírito do Senhor está sobre mim;
Ele me enviou para proclamar o ano da graça do Senhor
(cfr *Is* 61; *Lc* 4,18-19).

Com o passar do tempo, muitas coisas serão realizadas
que agora não se pode imaginar,
desde que sejais fiel a sua vocação,
na docilidade e na fé.¹

Na Família Paulina nascente, a comunidade
das irmãs cresce em espírito de adoração e de serviço (RV 4).



Como os ouvintes de Jesus na sinagoga de Nazaré, acolhemos o dom particular de um Ano de graça, revisitando o passado com gratidão, o presente com compromisso e o futuro com esperança. Estamos concluindo o ano litúrgico na Solenidade de Cristo Rei do Universo e também nós, como toda a Igreja, estamos prestes a abrir um novo ano da graça, olhando para a realização do Reino, inaugurado por Jesus.

¹ R. CESARATO – G. OBERTO, *A árvore vista pelas raízes* 2, PDDM, Roma 2000 *pro manuscripto*, p. 40.

Em 21 de novembro de 1923, o pe. Alberione “colocava a parte” as duas primeiras irmãs: foi um ato de preparação para a obra que há muito tempo ele guardava em seu coração, à luz do Espírito, como ele diria: «Em 1908 comecei a rezar e pedir orações para que nascesse uma Família religiosa de vida retirada, dedicada à Adoração e ao apostolado sacerdotal e litúrgico: toda de Jesus Divino Mestre presente no Mistério Eucarístico».²

² APD 1946-47, 21. Outras referências no mesmo volume nos números 42. 50. 129. Tradução retirada do livro CESARATO, Regina. *A árvore vista a partir das raízes volume 1*. Manuscrito de uso interno, 1997, p. 61.

TEXTOS ÚTEIS PARA O ESTUDO E A ORAÇÃO³

DA SAGRADA ESCRITURA

Entre as exigências do pacto entre Deus e o seu povo está o jubileu.

Do livro do Levítico (25,1-2; 8-13; 23-24; 39-43)

+++++

O povo de Israel terá que lembrar que eles não são os proprietários da terra, mas são os arrendatários de Deus, cujos dons permanecem.

Do livro do Levítico (27,24)

+++++

O terceiro livro de Isaías nos apresenta o Messias que sabe de sua vocação profética, chegando a inaugurar uma era de salvação, no perdão, na liberdade, no bem-estar integral.

Do livro do Profeta Isaías (61,1-11)

+++++

Jesus cumpre a profecia inaugurando um ano jubilar que não chegará ao fim, porque sua presença não se dissipará na história, mas continuará a privilegiar os últimos, abrindo um caminho de discernimento para a nossa fidelidade ao acolhimento e ao testemunho de seu anúncio.

Do Evangelho segundo Lucas (4,14-31)

³ Os textos das Escrituras e os do Magistério, propostos abaixo, podem acompanhar as diferentes etapas do itinerário, pois recordam o significado geral do jubileu.

DA CARTA APOSTÓLICA TERTIO MILLENNIO ADVENIENTE DE JOÃO PAULO II⁴

11. (...) torna-se compreensível o *costume dos jubileus*, que tem início no Antigo Testamento e reencontra a sua continuação na história da Igreja. Um dia Jesus de Nazaré, tendo ido à *sinagoga da sua Cidade*, levantou-Se para ler (cf. Lc 4, 16-30). Foi-Lhe entregue o livro do profeta Isaías, onde leu o seguinte trecho: « O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, o recobrar da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano de graça do Senhor » (61, 1-2).

O Profeta falava do Messias. « Cumpriu-se hoje — acrescentou Jesus — esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir » (Lc 4, 21), fazendo compreender que Ele próprio era o Messias anunciado pelo Profeta, e que n'Ele tinha início o « tempo » tão esperado: tinha chegado o dia da salvação, a « plenitude do tempo ». *Todos os jubileus se referem a este « tempo » e dizem respeito à missão messiânica de Cristo*, que veio como « consagrado com a unção do Espírito Santo », como « enviado pelo Pai ». É Ele que anuncia a Boa Nova aos pobres. É Ele que leva a liberdade àqueles que dela estão privados, que liberta os oprimidos, que restitui a vista aos cegos (cf. Mt 11, 4-5; Lc 7, 22). Deste modo, Ele realiza « um ano de graça do Senhor », que anuncia não só com a palavra, mas sobretudo com as suas obras. Jubileu, ou seja, « um ano de graça do Senhor » é a *característica da atividade de Jesus*, e não apenas a definição cronológica de uma certa ocorrência.

12. *As palavras e as obras de Jesus constituem assim o cumprimento de toda a tradição dos jubileus do Antigo Testamento*. É sabido que o jubileu era um tempo dedicado de

⁴ 10 de novembro de 1994.

modo particular a Deus. Tinha lugar de sete em sete anos, segundo a Lei de Moisés: o sétimo era o « ano sabático », durante o qual se deixava repousar a terra e eram libertados os escravos. A obrigação da libertação dos escravos era regulada por detalhadas prescrições, contidas nos livros do Êxodo (23, 10-11), do Levítico (25, 1-28), e do Deuteronómio (15, 1-6), isto é, praticamente em toda a legislação bíblica, que adquire assim essa peculiar dimensão. No ano sabático, além da libertação dos escravos, a Lei previa o perdão de todas as dívidas, segundo precisas prescrições. E tudo isto devia ser feito em honra de Deus. Tudo quanto dizia respeito ao ano sabático, valia também para o « *jubilar* », que ocorria no quinquagésimo ano. No ano jubilar, porém, os usos do ano sabático eram ampliados e celebrados ainda mais solenemente. Lê-se no Levítico: « Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando no país a liberdade de todos os que o habitam. Este ano será para vós jubileu, cada um de vós recobrará a sua propriedade e voltará para a sua família » (25, 10). Uma das consequências mais significativas do ano jubilar era a geral «emancipação» *de todos os habitantes carecidos de libertação*. Nessa ocasião, todo o israelita voltava à posse da terra de seus pais, se eventualmente a tivesse vendido ou perdido, caindo na escravidão. Não se podia ser privado da terra de modo definitivo, porque esta pertencia a Deus, nem os israelitas podiam ficar para sempre numa situação de escravatura, já que Deus os tinha « resgatado » para Si como propriedade exclusiva, libertando-os da escravidão do Egito.

13. Mesmo se os preceitos do ano jubilar permaneceram, em grande parte, uma meta ideal — mais uma esperança que uma realização concreta, tornando-se ainda uma *prophetia futuri* enquanto prenúncio da verdadeira libertação a ser operada pelo Messias que havia de vir — todavia, com base na normativa jurídica neles contida, foi-se delineando uma certa *doutrina social*, que se desenvolveu mais claramente depois a partir do Novo Testamento. O *ano jubilar devia restabelecer a igualdade entre*

todos os filhos de Israel, abrindo novas possibilidades às famílias que tinham perdido as suas propriedades, ou até mesmo a liberdade pessoal. Aos ricos, pelo contrário, o ano jubilar recordava que chegaria o tempo em que os escravos israelitas, tornando-se novamente iguais a eles, haveriam de poder reivindicar os seus direitos. Devia-se proclamar, no tempo previsto pela Lei, um ano jubilar, vindo em socorro de cada necessitado. Isto exigia um governo justo. *A justiça, segundo a Lei de Israel, consistia sobretudo na proteção dos fracos*, e nisto se devia distinguir um rei, como afirma o Salmista: « Ele liberta o pobre que o invoca, e o indigente sem ajuda. Tem compaixão do humilde e do pobre, e salva a vida dos necessitados » (Sal 71/72, 12-13). *As premissas de semelhante tradição eram estritamente teológicas*, ligadas, antes de mais, à teologia da criação e da divina Providência. Na verdade, era convicção comum que só a Deus como Criador competia o « *dominium altum* », isto é, a soberania sobre todo o criado, e de modo particular sobre a terra (cf. Lv 25, 23). Se Deus, em sua providência, tinha entregue a terra aos homens, isso queria significar que a tinha dado a todos. Por isso, *as riquezas da criação haviam de ser consideradas como um bem comum da humanidade inteira*. Quem possuía estes bens como sua propriedade, era na verdade apenas seu administrador, isto é, um ministro obrigado a operar em nome de Deus, o único proprietário em sentido pleno, sendo vontade de Deus que os bens criados servissem equitativamente a todos. *O ano jubilar devia servir precisamente também para o restabelecimento desta justiça social*. Deste modo, na tradição do ano jubilar, encontra uma das suas raízes a doutrina social da Igreja, que sempre teve seu lugar no ensinamento eclesial e se desenvolveu particularmente no último século, sobretudo a partir da Encíclica *Rerum novarum*.

14. Convém, todavia, sublinhar aquilo que Isaías exprime com as palavras: « *pregar um ano de graça do Senhor* ». Para a Igreja, o jubileu é exactamente este « ano de graça », ano de remissão dos pecados e das penas pelos pecados, ano de reconciliação entre os

desavindos, ano de múltiplas conversões e de penitência sacramental e extra-sacramental. A tradição dos anos jubilares está ligada à *concessão* de indulgências, de modo mais amplo que nos outros períodos. A par dos jubileus que recordam o mistério da Encarnação, ao completarem-se cem, cinquenta e vinte cinco anos do mesmo, há depois aqueles que comemoram o evento da Redenção: a cruz de Cristo, a sua morte no Gólgota e a sua ressurreição. A Igreja, nestas circunstâncias, proclama « um ano de graça do Senhor », esforçando-se por que todos os fiéis possam usufruir mais amplamente de tal graça. *Eis por que os jubileus são celebrados não apenas « in Urbe », mas também « extra Urbem »*: tradicionalmente isto verificava-se no ano sucessivo ao da celebração « in Urbe ».

15. *Na vida de cada pessoa, os jubileus* habitualmente estão ligados à data de nascimento, mas celebram-se também os aniversários do Baptismo, da Confirmação, da Primeira Comunhão, da Ordenação Sacerdotal ou Episcopal, do sacramento do Matrimónio. Alguns destes aniversários encontram eco também no âmbito civil, mas os cristãos sempre lhes atribuem um carácter religioso. De facto, na perspectiva cristã, cada jubileu — seja o 25º aniversário de sacerdócio ou de matrimónio designado « de prata », seja o 50º dito « de ouro », seja ainda o 60º chamado « de diamante » — constitui *um particular ano de graça* para o indivíduo que recebeu um dos sacramentos elencados. Aquilo que dissemos dos jubileus pessoais pode ser também aplicado às *comunidades ou instituições*. É assim que se celebra o centenário ou o milénio da fundação de uma cidade ou de um município. No âmbito eclesial, festejam-se os jubileus das paróquias e das dioceses. Todos estes jubileus pessoais ou comunitários revestem na vida dos indivíduos e das comunidades um papel importante e significativo.

16. *O termo « jubileu » indica júbilo, alegria*; não apenas júbilo interior, mas alegria que se manifesta exteriormente, já que a

vinda de Deus é um acontecimento também exterior, visível, audível, palpável, como recorda S. João (cf. 1 Jo 1, 1). É justo, por conseguinte, que toda a demonstração de alegria por essa vinda tenha a sua manifestação exterior. Esta serve para indicar que *a Igreja rejubila pela salvação*. Convida todos à alegria, esforçando-se por criar as condições necessárias a fim de que a força salvadora possa ser comunicada a cada um. O ano 2000 marcará, por isso, a data do Grande Jubileu.

17. *Cada jubileu é preparado na história da Igreja pela divina Providência. Isto vale também para o Grande Jubileu do ano 2000.* Convictos disso, olhamos hoje, com sentido de gratidão e de não menor responsabilidade, para tudo quanto sucedeu na história da humanidade desde o nascimento de Cristo, e sobretudo para os acontecimentos verificados do ano 1000 ao 2000. Mas, de modo muito particular, debruçamo-nos com um olhar de fé sobre este nosso século, procurando nele o que possa servir de testemunho não só da história do homem, mas também da intervenção divina nas vicissitudes humanas.

31. Dada a articulação da fé cristã em palavra e sacramento, pareceu importante unir conjuntamente, também nesta singular ocorrência, a estrutura do *memorial* com a da *celebração*, não se limitando a recordar o acontecimento apenas conceptualmente, mas tornando presente o seu valor salvífico mediante a actualização sacramental. A efeméride jubilar deverá confirmar, nos cristãos de hoje, a *fé* no Deus que se revelou em Cristo, sustentar a sua esperança projectada na expectativa da vida eterna, reavivar a sua *caridade*, operosamente empenhada no serviço dos irmãos.

32. O jubileu é sempre um tempo particular de graça, « um dia abençoado pelo Senhor »: como tal — foi já assinalado — tem um carácter jubiloso. No ano jubilar, os cristãos estenderão a sua gratidão para alargar-se-á aos *frutos de santidade*, amadurecidos

na vida de tantos homens e mulheres, que, em cada geração e época da história, souberam acolher sem reservas o dom da Redenção. Todavia, a alegria de cada jubileu é de modo particular uma alegria pela remissão das culpas, a alegria da conversão (...) que é a condição preliminar para a reconciliação com Deus tanto dos indivíduos como das comunidades.

33. Reconhecer as cedências de ontem é ato de lealdade e coragem que ajuda a reforçar a nossa fé, tornando-nos atentos e prontos para enfrentar as tentações e as dificuldades de hoje.

41. O empenho de atualização sacramental poderá, ao longo do ano, valer-se da redescoberta do Batismo como fundamento da existência cristã, segundo as palavras do Apóstolo: « Vós que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo » (Gal 3, 27).

42. Tudo deverá apontar para o objetivo prioritário do Jubileu que é o *revigoração da fé e do testemunho dos cristãos*. É necessário, por conseguinte, suscitar em cada fiel *um verdadeiro anseio de santidade*, um forte desejo de conversão e renascimento pessoal num clima de oração cada vez mais intensa e de solidário acolhimento do próximo, especialmente do mais necessitado..

45. Entra, pois, nos compromissos primários da preparação para o Jubileu *a redescoberta da presença e acção do Espírito*, que age na Igreja quer sacramentalmente, sobretudo mediante a *Confirmação*, quer através de múltiplos carismas, cargos e ministérios por Ele suscitados para o bem dela: « É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (cf. 1 Cor 12, 1-11).

50. (...) o sentido do « caminho para o Pai » deverá impelir todos a empreenderem, na adesão a Cristo Redentor do homem, um caminho de autêntica conversão, que compreende seja um aspecto

« negativo » com a libertação do pecado, seja um aspecto « positivo » com a escolha do bem, expresso pelos valores éticos contidos na lei natural, confirmada e aprofundada pelo Evangelho. É este o contexto adequado para a descoberta e a intensa celebração do *sacramento da Penitência*, no seu significado mais profundo..

56. (...) a Igreja visa « unicamente este objectivo: continuar, sob a direcção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido »

58. O futuro do mundo e da Igreja pertence às gerações jovens, que, nascidas neste século, serão maduras no próximo, o primeiro do novo milénio. *Cristo acolhe os jovens*, como acolhera o jovem que lhe pôs a pergunta: « Que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna? » (Mt 19, 16). À admirável resposta que Jesus lhe deu, fiz referência na recente Encíclica *Veritatis splendor*, como já o fizera antes na *Carta Apostólica aos jovens de todo o mundo em 1985*. Os jovens, em qualquer situação e região da terra, não cessam de fazer perguntas a Cristo: encontram-n'O e procuram-n'O para O interrogarem de novo. Se souberem seguir o caminho que Ele indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a presença d'Ele no próximo século e nos sucessivos, até à conclusão dos tempos. « Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre ».

59. « A Igreja acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece aos homens pelo seu Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação (...) Acredita também que *a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre*. E afirma, além disso, que, subjacentes a todas as transformações, *há muitas coisas que não mudam, cujo último fundamento é Cristo*, o mesmo ontem, hoje, e para sempre. (GS 10).

DOS TEXTOS CARISMÁTICOS

*Um pacto com o Senhor*⁵

Ieri sera il caro Padre ci ha invitati tutti a fare un patto col Signore. Il patto che ha fatto lui: studiare uno e imparare quattro. Stamane nella meditazione ci ha ripetuto l'importanza, i fondamenti, le condizioni, l'invito. La sua parola era infiammata e piena di convinzione e persuasiva. I fondamenti sono: la fiducia in Dio che ha promesso di concedere la sapienza a chi gliela domanda: porta gli esempi di S. Alfonso Rodriguez e del Curato d'Ars.

Il gradimento di Dio che si confidi in Lui. Il volere di Dio che questa Casa sia e prosperi: e la impossibilità nostra di studiare quanto è necessario ordinariamente per imparare. La fiducia è quella che manca nel mondo, che il caro Padre non ha trovato ancora in nessuno... Ma noi che ci fidiamo di tutto e di tutti meno che di Dio, siamo stupidi e matti e un lunghissimo purgatorio ci aspetta al di là. Questo è il primo mezzo per imparare: con esso noi sfidiamo pure tutti gli studenti..., noi che studiamo un quarto solo di tempo. Quindi è necessario, per chi viene dal Seminario, spogliarsi delle idee del Seminario: cioè tanto si sa quanto si studia; per chi viene da casa, spogliarsi delle idee che si hanno di casa.

L'importanza del patto: bisogna farlo sul serio; del resto vi si perde la stima, come usar oro e far chiodi per scarpe. Esso rialzerà lo studio che ora è caduto molto in basso; con esso si progredirà e si faranno miracoli. È così: Dio non vien meno: è così, lo prova la pratica: crediamo che è così. Le condizioni:

1. Fiducia in Dio; occupare bene il tempo. Chi ha tanta fiducia di credere che farà quattro con uno, faccia il patto, se no, non lo faccia, ma allora neppure studi in Casa.
2. Occupare bene tutto il tempo concesso allo studio, ma prometterlo e farlo, se no il patto è nullo.

⁵ T. GIACCARDO, *Diario 1913-1925, 1942-1946. Pagine scelte*, Ed. Centro di spiritualità paolina, Roma 1996, p. 250.

3. Promettere di servirci di quanto si impara unicamente per la Buona Stampa e la gloria di Dio: promessa seria da mantenersi anche a costo di sacrifici e di minor guadagno.

Se non si pongono seriamente queste tre condizioni, non si faccia il patto che sarebbe nullo. Invitò tutti a fare con Dio questo patto che egli ha già fatto e sperimentato, ma ci lasciò pienamente liberi. Dio sarebbe fedele. Non si venga meno da parte nostra, in nessuna condizione. Nella Santa Messa si sono recitate al proposito le litanie della Beata Vergine, il «*Veni Creator*», 3 Pater Ave Gloria, uno per ogni condizione che si deve porre.

Prima delle «Ave Maria» il caro Padre recitò la formula del patto, chi volle la ripeté nel cuore. La sapienza viene da Dio. Dio in un istante può infonderci più sapienza che lo studio di tanti anni, come ha fatto coi Magi. Egli è indipendente dal tempo e dai libri: [occorre] la fiducia. La sapienza di Dio è retta e vera – Dio ha fatto tutto bene – e non quella di Kant, Carducci, Rousseau e simili. *Qui potest capere capiat.*

Quando il nostro Padre parla della fiducia nella Divina Provvidenza non trova più il termine della predica, lo dice egli stesso, le parole gli escono infiammate, i periodi come li detta il cuore, senza vero nesso di parte, ma persuasivi.

Do Boletim interno Divino Mestre, n.8, fevereiro de 1948

L'ultima Messa di un Santo

Oltre il «Pater» che ci ha generate in Cristo, Iddio aveva dato alle Pie Discepoli, un «Nutricius» un «Custos», che le aiutasse a crescere, a svilupparsi, a stabilirsi nella loro vita propria. Il Padre fu ed è sempre il Sig. Primo Maestro, accanto a Lui, interprete e collaboratore fedelissimo: il Sig. Maestro Timoteo M. Giaccardo. In un notes privato, che portava costantemente sulla persona, gli fu trovata scritta dal Primo Maestro la testimonianza che egli teneva sacra come un mandato: «Va tutto bene quanto disponi per le Pie Discepoli. Medito spesso: Ideo misi ad vos Timotheum, qui est filius meus carissimus, et fidelis in Domino; qui vos commonefaciet

vias meas, quae sunt in Christo Jesu, sicut ubique in omni Ecclesia doceo» (1 Cor IV, 17).

La figura del Signor Maestro si avvicina a quella di S. Giovanni Evangelista. Innocente, puro, vergine sublime come il «Discipulus quem diligebat Jesus». Egli ci condusse nelle intimità piene di dolore e di amore del Tabor, del Cenacolo, del Calvario, di Patmos... Talora i suoi voli d'aquila raggiungevano altezze sublimi, sino a fissare con occhio tutto soprannaturale il Sole divino e ad immergersi nella Luce che trasforma... Noi, poveri passerotti, meno atti a sì arditì voli lo ammiravamo tentando anche di seguirlo e di comprenderlo.

Mediante la vita ed il ministero del Maestro Giaccardo è rivissuto in mezzo a noi il nostro Padre San Paolo. Per le Pie Discepole, il Sig. Maestro rappresentava l'Apostolo, specie in questo atteggiamento:

«Mihi omnium sanctorum minimo, data est gratia haec, in - Discipulis - evangelizare investigabiles divitias Christi...» (Eph III, 8) dopo averle attinte al Cuore stesso del Maestro Divino. Così umile, così pio, così paterno, così zelante per il bene delle nostre anime che amava intensamente: «Testis mihi est Deus quomodo cupiam vos in visceribus Jesu Christi» (Phil I, 8). Ci ha amate «usque in finem», sino al dispendio della vita, fino alla consumazione di un purissimo olocausto, che Iddio sembrò chiedere ed esigere quale prezzo del nostro pieno stabilimento giuridico. Dev'essere ben sublime la vocazione, la vita delle Pie Discepole, se il Maestro Divino per condurla a compimento chiede vittime sì preziose! Aveva seguito le vicende della nostra Famiglia, con una sapienza di maestro, una bontà di padre, una tenerezza e dedizione di madre. Quante preghiere, quante lacrime, quante offerte perché la nostra Congregazione avesse vita!

Lunedì 12 gennaio 1948

Il S. Padre Pio XII, doveva in tal giorno ricevere il Cardinale Prefetto della S. Congregazione dei Religiosi, per dire, illuminato di luce divina, rivestito dell'autorità che non erra, la parola di approvazione all'Istituto delle Pie Discepole.

Il Signor Maestro da alcuni giorni soffriva forti ed insoliti dolori, nell'anima e nel corpo. Era sfinito ormai, ma quel mattino insistette ed ottenne di poter ancora celebrare il S. Sacrificio. Sceso lentamente nella Cappella della Casa Generalizia della P. S. S. Paolo, privo di forze, con voce quasi spenta, si accostò all'altare di Dio, al Dio che letifica e perpetua la giovinezza dei suoi eletti, che unisce al sacrificio del suo Divin Figlio, il loro sacrificio... Giunse alla fine della celebrazione con molta fatica. Un ultimo volo di fede e di pietà, in unione al Discepolo prediletto, ancora un anelito di beata eternità «et vidimus gloriam eius...» e il Sacerdote santo, il primo Sacerdote della Pia Società San Paolo, incapace ormai a sostenersi, cade svenuto all'altare dell'ultima sua Messa... Nella mattinata stessa, l'autorità suprema della Chiesa, accoglieva quale Congregazione di diritto Pontificio, le Pie Discepole del Divin Maestro! Il Sig. Maestro, dal letto dei suoi dolori, ne accolse commosso e trepidante la notizia. Una luce tutta spirituale gli illuminò il pallido volto, gli occhi già sempre tanto espressivi, ebbero riflessi di Cielo! Poteva cantare il suo «Nunc dimittis» e attendere la meritata e vicina corona di gloria. Noi avremmo ancora voluto trattenerlo. Ci sembrava di avere ancora molto bisogno della sua presenza, del suo ministero! Diversi erano invece i fini imperscrutabili di Dio. Un altro altare l'attendeva. Quello d'oro del Cielo, di cui ci aveva tante volte parlato... Noi lo pensiamo ora lassù, nella gloria, in atto di offrire incessantemente l'Ostia di lode che glorifica la Trinità SS.ma e si consuma nell'eternità... Tale Ostia è ancora e più ancora per noi: sacrificio di vita. Un giorno andremo anche noi lassù, a continuare, a perpetuare davanti all'Agnello la nostra vocazione di Pie Discepole. Intanto camminiamo in essa «digne», come ci ha insegnato il sacerdote santo, che ha offerto la sua vita, per donarci la vita!

Il Sig. Primo Maestro, il giorno 27 gennaio, ha tenuto alle Pie Discepole di Roma la seguente meditazione:

... RINGRAZIARE il Signore di tutti i benefici ricevuti per mezzo di quest'anima eletta, passata su questa terra come passano i Santi.

Egli fu una viola di umiltà, umilissimo in tutta la sua vita. Fu un giglio di delicatissima purezza. Tutti lo riconoscono, lo dicono, gli stessi secolari ne rimanevano edificati e mi sono stati narrati particolari che manifestano la sua singolare delicatezza. Fu una rosa d'amore. Quanto fu grande la sua devozione al Maestro Divino presente nella SS.ma Eucaristia! Specialmente dagli Esercizi di Agosto scorso, da noi che gli eravamo maggiormente a contatto, si notavano le sue ascensioni, ci si accorgeva come egli accelerasse il passo verso l'alto, come uno che si affretta di raggiungere la meta. Era in continua orazione ed unione con Dio. In questi ultimi giorni mi disse: «anche quando agli altri sembro assopito, io continuo a pregare nel mio cuore». Ringraziamo Iddio per le grazie concesse all'Istituto per mezzo suo, specialmente ringraziate per il bene fatto alle Pie Discepole. Gli dovete tanto. In mezzo a voi ci sono anime in cui egli ha come impresso, stampato sé stesso. Anime, che vivono dei suoi pensieri, dei suoi ideali, della sua pietà, della sua vita.

... A chi mi chiede che cosa fare per essere buona Pia Discepola, io rispondo: Fate come vi ha insegnato il Maestro, seguitelo nella devozione al Maestro Divino, nella dedizione totale di voi stesse a Lui nella fedeltà ai propositi veri, nella continuità della preghiera. In tutto, da per tutto, sempre egli si è comportato in maniera edificante, costruttiva, effondendo la sua anima, la sua pietà, sé stesso. Ecco un figlio docile, un vero devoto della Eucarestia! L'incontrai e lo conobbi per la prima volta fanciulletto di 12 anni, come S. Paolo incontrò e conobbe S. Timoteo giovanissimo. Ne conobbi assieme la grande delicatezza d'animo. Gli concessi e lo esortai alla Comunione frequente e poi quotidiana, cosa rara per quei tempi. Al mattino, quando dopo il suono dell'Angelus, aprivo la Chiesa lo trovavo puntuale alla porta. Veniva per ricevere Gesù. Il Maestro Divino lo istruì, lo formò secondo il suo cuore.

Pie Discepole, seguitelo bene! Ascoltate e ritenete le sue parole anche nei minimi particolari, anche nelle sfumature, anche dove non lo avete capito. In lui parlava non l'uomo, ma il Maestro Di-

vino. Tutto l'indirizzo che vi dava egli lo prendeva da me; e se allora mi precedeva aveva la mia approvazione e benedizione.

Pie Discepoli, sappiate che la sua anima ed il suo spirito vive in mezzo a noi. Egli continua a vivere! Vicinissimo.

Tutti soffriamo per la perdita di quest'anima cara, ma soprattutto ne soffro io che fra tutti sono stato il più colpito.

Egli, vi è vicino nelle vostre Adorazioni, nel vostro apostolato eucaristico, sacerdotale, liturgico. Qualcuna ha avuta la pena che egli abbia offerto la vita per l'esistenza delle Pie Discepoli. È un fatto che la sua ultima Messa l'ha celebrata il giorno 12 u.s. data della vostra Approvazione Pontificia. Vi benedico perché seguiate in tutto il suo spirito.

... Dal 1909 al 1914 quando la Divina Provvidenza preparava la famiglia Paolina, egli ne ebbe chiaramente, pur non comprendendo tutto, come un'intuizione. I lumi che riceveva dalla SS. Eucarestia, di cui era divotissimo; la sua fervente pietà mariana; la meditazione, più che la lettura, dei documenti pontifici lo illuminavano su tutte le necessità della Chiesa e sopra i mezzi moderni di bene. Entrò nel 1917 come *maestro* dei primi fanciulli raccolti nella mira di formare la Pia Società S. Paolo. E fu chiamato e rimase costantemente il *Signor Maestro*: amato, ascoltato, seguito, venerato entro e fuori. Fu il Maestro che tutti precedeva con l'esempio, che tutto insegnava, che tutti consigliava, che tutto costruiva con la sua preghiera illuminata e calda. Tutto comprendeva ed a tutti la sua anima si comunicava; fatto sempre tutto a tutti; il primo, reputandosi l'ultimo; sensibilissimo, dolcissimo, delicatissimo. Scrisse si può dire in ogni anima e trasfuse se stesso in ogni cuore di Sacerdoti, Discepoli, Figlie, Discepoli, Pastorelle, e di quanti lo avvicinarono, per relazioni spirituali, sociali, economiche.

Il Maestro

D. Timoteo veniva chiamato ed era veramente il *Signor Maestro*. Rappresentava bene il Signore: all'altare, in Confessionale, sul pulpito, nelle conversazioni, nella scuola, nelle ricreazioni, nelle relazioni, in tutto il complesso degli uffici disimpegnati e nella

privata sua vita, sempre rappresentava bene il Signore, era l'Alter Christus.

... Era il *Maestro*. Aveva una grande mente: sempre in Cristo e nella Chiesa. Libri, articoli, prediche; insegnò un po' tutte le materie, secondo si presentava la necessità; sempre preparato e sempre ascoltato, sebbene fosse talora un po' alto, perché precedeva assai...

Il Maestro d'ogni virtù

Da quando ascoltai il primo giudizio dei Superiori del Seminario su di lui, sino ai discorsi di tutti sulla sua vita: «Su Giaccardo non vi sano appunti da fare; fa bene in tutto». La sua umiltà, la sua carità, la pazienza, la longanimità, la dolce fermezza quando si trattava della gloria di Dio e del bene delle anime sono notissime.

Il Maestro nella pietà

Sapeva parlare con Dio! In particolare: Egli viveva di pietà eucaristica; di pietà mariana; di pietà liturgica; di amore alla Chiesa ed al Papa; di carità dolce e operosa verso i fratelli e verso tutti; di pensieri ed aspirazioni sempre elevati; di piena osservanza religiosa.

«È opinione comune che è passato tra noi un santo, un vergine, un'anima che portò alla tomba intemerata la stola battesimale». Vicino a morte si preoccupò solo di questo: «Che si viva in carità! Così si prova la dolcezza ed il contento ed il frutto della vita religiosa». Le sue parole, la sua scuola, il suo confessionale, il pulpito, la penna, la ricreazione, anche le minime cose riflettevano l'abbondante pietà e carità del suo cuore. Scrisse: «Il fondamento, la sorgente, il metodo e la corona della vita spirituale religiosa della Pia Società S. Paolo, il centro attorno a cui si aggira l'essere e l'operare nostro è la devozione alla Persona di Gesù Cristo, nostro Divino Maestro, presente nel Mistero Eucaristico, e considerato sotto l'aspetto speciale di Via, Verità, e Vita», Egli viveva questi principii. A chi volesse conoscere chi incarnò tutto l'ideale del Paolino nella sua integrità si dovrebbe indicare «il Signor Maestro».

Maestro nell'Apostolato

Egli lo sentiva, lo amava, lo sviluppava senza farsi quasi notare, poiché era un suscitatore di energie, un sostegno per i deboli, luce e sale nel senso evangelico. Nelle Famiglie Paoline era come il cuore e l'anima. Immensa riconoscenza Gli deve il Primo Maestro e con Lui tutti, come tutti sapevano di essere da Lui amati.

Si può dire che fu sempre il Vicario, di fatto. E certamente io mi fidavo più di Lui che di me; e sono contento di avergliene data prova innanzi ai nostri Ven. mi Superiori anche ultimamente.

Conclusione

... Imitarlo

Dal giorno che lo conobbi e che gli indicai il Tabernacolo quale luce, conforto, salvezza, la sua vita fu una continua, quotidiana ascesa: come il sole che al mattino si affaccia quasi timido sull'orizzonte, si alza sino al pieno meriggio, quando tutto illumina e riscalda... Oh! come egli preferiva dire con S. Paolo: «Sino alla pienezza dell'età del Cristo...» ...

Pregação feita às Pias Discípulas do Divino Mestre⁶

Nel 1908 ho cominciato a pregare e a far pregare perché nascesse una Famiglia religiosa di vita ritirata, dedita alla Adorazione e all'apostolato sacerdotale e liturgico: tutta di Gesù Divin Maestro, presente nel Mistero Eucaristico. Perché? Perché divenisse fonte di grazia, cui avrebbero attinto altre Famiglie religiose più specialmente dedicate alla vita apostolica.

Successivamente, continuando a pregare, si veniva delineando, il modo di vita di questa Famiglia e la forma concreta delle relazioni con le Famiglie da istituirsi ...

⁶ Para os textos extraídos do APD, foi pensado de escolhê-los entre os três anos particularmente significativos na pregação do Fundador: 1946-47, tempo de sofrimento que preparou para Aprovação Diocesana e, portanto, um primeiro reconhecimento da vida e do apostolado próprio; 1957, que, após o tempo da presença do Visitador, acompanhou o Capítulo Geral; 1963, Ano de particular santificação, quando a Congregação estava em plena expansão das Casas e dos membros.

Mi sono lasciato guidare da quello che sempre mi diceva il mio Direttore spirituale:⁷ "Prima di far delle opere, se necessario, si immolino per le opere stesse; se vuoi che siano vitali".

Voi, avete una missione fondamentale e vitale, nascosta come le radici, ma alimentante il tronco, i rami, i fiori, le foglie, i frutti. ... Gesù Cristo è presente fisicamente nel Tabernacolo. Da la Messa, la presenza reale, la Comunione, viene ogni bene nella Chiesa, nelle anime; tutta l'acqua, come fonte che si spande, tutta la linfa che sale nei sacramenti e sacramentali. Le anime devono arrivare a questa fonte, alla unione con Gesù, il resto è mezzo. Tutto dobbiamo impetrare, con l'anima eucaristica di Maria, da Gesù, Divin Maestro, presente nell'Ostia Santa.

Ecco il vostro ufficio presso il Tabernacolo:

Lampade viventi innanzi a Gesù Eucaristico.

Vittime con Gesù; le immolazioni sono parte del vostro apostolato.

Serve d'onore del Tabernacolo e del Divino suo Abitatore.

Angeli dell'Eucaristia che ricevono e danno.

Anime che hanno fame e sete del pane eucaristico e dell'acqua della sua grazia.

Cuori che condividono con lo Sposo eucaristico i desideri, le mire, gli abbandoni per tutti, ma specialmente per la persona più cara al suo cuore: il Sacerdote.

Le confidenti prime di Gesù Ostia, per sentire ogni sua parola di vita e meditarla come Maria, nel vostro cuore (Cf Lc 2,51).

Il Divin Maestro vi guardi con occhio di predilezione; vi insegni le sue vie; vi infonda la gioia della vocazione; viva in voi nella pienezza della sua virtù. Abbiate fede, non dubitate; questo Gesù è infinitamente fedele alle sue promesse.⁸

Nel 1908 molte di voi non c'erano ancora. Io un giorno di quell'anno facendo scuola di Storia Ecclesiastica ai chierici, avevo fatto considerare lo stato religioso del mondo. Il Salvatore Gesù è

⁷ É o canônicp FRANCESCO CHIESA (1874-1946).

⁸ APD 1946-47, 21-31.

venuto a portarci la grazia, la salvezza; senza la grazia non si arriva al Paradiso. Ma, come si trova il mondo dopo 1900 anni dacché è venuto Gesù Cristo? Sono viventi circa 2 miliardi di uomini; e, di questi, un miliardo e 200.000 non conoscono ancora Gesù Cristo. Quattrocento milioni sono eretici e scismatici, cioè fuori della Chiesa cattolica, fuori della istituzione che Gesù Cristo ha stabilito per la salvezza, o perché negano verità di fede, o perché non riconoscono l'autorità del Papa; per mancanza quindi di fede o di obbedienza. E gli altri milioni sono tutti cattolici. Ma tutti quelli che si dicono cattolici, lo sono veramente? In Italia, dove la nazione è cattolica, nelle ultime elezioni amministrative hanno trionfato i nemici della Chiesa.

Impressionati, allora, i chierici, si sono alzati in piedi per chiedermi: che cosa dobbiamo fare per ottenere la salvezza a tante anime? Ce lo dica! Risposi: primo pregare. E si è pregato, perché venisse istituita nella Chiesa una Famiglia religiosa che si dedicasse alla preghiera per ottenere che l'umanità accolga, ascolti, ami Gesù Maestro e Salvatore. Da quel giorno è nata la vostra Famiglia, nella mente e nel cuore mio.

Il vostro è apostolato insuperabile; il più bello; perché è il più bello deve essere combattuto dal demonio. Sono appunto le cose belle che valgono; le cose belle che si tenta falsificare. Compilate l'ufficio della Madonna; siate le sentinelle del Tabernacolo, elevate mani pure, unite a Gesù Ostia. ... Non menomate la vostra vocazione, stimatela, rendetevne degne. L'apostolato è prezioso; fate-lo in silenzio.

Dal 1908 ho avuta per voi la medesima intenzione, ho pregato e non solamente io; vi sono quelli che hanno offerto la loro vita per voi, per il vostro apostolato. L'apostolato vostro è fondamentale, se satana fa i suoi sforzi per combatterlo, ricorrete all'Immacolata nostra Madre. Poi, belle e buone Adorazioni!⁹

⁹ APD 1946-47, 42-50.

DA REGRA DE VIDA

1.

Padre Tiago Alberione (1884-1971), na memória de santa Escolástica (10 de fevereiro de 1924), inicia em Alba (Itália) a Congregação das Pias Discípulas do Divino Mestre.

Escolhe Orsola Rivata (1897-1987) para ser sua colaboradora em Cristo. Chama-a com o nome de Escolástica, que significa “discípula”, e lhe confia a primeira comunidade de irmãs.

2.

Tiago Alberione nasce em uma família camponesa e pobre, onde foi educado numa sólida vida cristã e ao trabalho.

Aos sete anos, sente-se “iluminado” e declara: «quero ser padre». Nesta direção orienta “o estudo, a piedade, os pensamentos, o comportamento e até o lazer”.

Ordenado presbítero, torna-se membro da Associação dos Sacerdotes Adoradores. No seminário de Alba empenha-se na formação ao presbiterado, atento aos movimentos de renovação socioeclesial.

3.

A experiência eucarística que o seminarista Tiago Alberione vive na noite de passagem entre os dois séculos (1900-1901) é “decisiva para a missão específica e o espírito particular no qual nasceria e viveria a Família Paulina”.

Em resposta ao convite evangélico «Vinde a mim todos», sente-se obrigado a preparar-se para fazer algo para o Senhor e a humanidade do seu tempo, unificando tudo em Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida.

Quando ressoa a hora de Deus, padre Alberione dedica-se totalmente ao apostolado da Imprensa, confirmando o chamado à evangelização nas fronteiras inexploradas do mundo da comunicação.

Aberto aos sinais dos tempos, associa a mulher na diversidade e na complementaridade dos carismas, para a vida e a missão da Igreja. Considerando a situação religiosa do mundo, a partir de 1908 começa “a rezar e a pedir orações” para o nascimento de uma Família religiosa “toda de Jesus Divino Mestre presente no Mistério eucarístico”.

A nossa Congregação se torna memorial da experiência carismática do Fundador: reza e trabalha para que a humanidade acolha, escute e ame Jesus Mestre e Salvador.

4.

Guiado pelo Espírito e confirmado pelo Cônego Francesco Chiesa (1874-1946), seu diretor espiritual, o Fundador reúne as primeiras jovens na casa Divino Mestre e, em colaboração com Madre Escolástica, forma-as para uma nova missão em vista do advento do Reino de Deus no mundo.

Na Família Paulina nascente, a comunidade das irmãs cresce em espírito de adoração e de serviço.

Caracteriza-se pela fé heróica, pelo trabalho assíduo e pelo amor mútuo, na alegria, no silêncio e no habitual recolhimento.

Encontramos este estilo de vida nas páginas evangélicas que inspiraram a Oração de Betânia.

5.

O evento fundacional da nossa Congregação amadureceu na Igreja com alternadas vicissitudes que trazem o selo da Cruz.

Padre Tiago Alberione institui inicialmente as Pias Discípulas do Divino Mestre “distintas e separadas” das Filhas de São Paulo, mas, por vicissitudes canônicas, foram a estas associadas em uma única aprovação.

A interferência do Fundador, de Madre Escolástica e a oferta de vida do padre Timóteo Giaccardo (1896-1948) contribuem ao reconhecimento eclesial e institucional da nossa Congregação.

No dia 3 de abril de 1947, quinta-feira santa, foi promulgado o decreto da aprovação diocesana.

O nosso carisma exprime mais nitidamente a sua índole universal e a sua eficácia apostólica na aprovação pontifícia, concedida no dia 12 de janeiro de 1948 e ratificada definitivamente no dia 30 de agosto de 1960.

O discernimento eclesial expresso com a beatificação de padre Tiago Alberione nos confirma na vocação recebida.

6.

Participamos do projeto unitário da Família Paulina: viver e comunicar Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, à humanidade de hoje com os meios mais rápidos e eficazes que o progresso humano oferece.

A nossa Congregação, chamada a cultivar a comunhão, “vai à raiz da videira, para obter a linfa que alimentará a planta, e assim dar frutos de santidade e de apostolado”.

7.

Conquistadas por Jesus Mestre, contemplamo-lo e seguimo-lo no Mistério Pascal. Ele vive e se forma em nós no dinamismo do ano litúrgico e, com a força do seu Espírito, transforma a nossa vida em culto agradável a Deus.

Maria, Rainha dos Apóstolos, nos introduz à escola de Jesus Mestre e nos ensina como amá-lo e anunciá-lo na vida de cada dia. São Paulo, apóstolo e místico, guia-nos no ardor da caridade até ao “não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.

8.

No mistério da Igreja, povo de Deus, formamos comunidades onde se acolhe, se escuta e se serve ao Senhor, na multiplicidade das suas presenças com a nossa específica missão.

Como Maria, imagem da Igreja, dóceis ao Espírito, guardamos a Palavra e a colocamos em prática, até sermos um só coração e uma só alma.

9.

Pela ação do Espírito Santo, recebemos “a graça do apostolado” em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida.

Como Maria, Mãe de Deus, e as mulheres do Evangelho, transformadas pelo encontro com o Ressuscitado, Beleza que salva o mundo, somos enviadas, apóstolas com os apóstolos, a anunciá-lo, a celebrá-lo e a servi-lo.

Do amor a Jesus vivente na Eucaristia, no Sacerdócio e na Liturgia nasce o nosso apostolado orientado à glória de Deus e à paz da humanidade.

No espírito do apóstolo Paulo, que se fez tudo para todos, acolhemos com discernimento os valores e as tradições dos diversos povos e nos empenhamos no diálogo ecumênico e inter-religioso para o anúncio da novidade evangélica.

11.

Continuamente damos graças a Deus que nos chamou a ser discípulas do seu Filho Jesus, nosso Senhor e Mestre.

A voz do Espírito Santo, na profundidade do nosso coração, nos coloca em sintonia com o carisma de padre Alberione, vivido pela Família Paulina de geração em geração. “Tudo é de Deus, tudo nos leva ao Magnificat!”.

12.

Percorremos o itinerário de cristificação, vivido pelo Fundador. Em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, ele se deixou gradualmente transformar em verdadeiro homem de Deus e em apóstolo dos novos tempos.

Ressoa também em nós a Palavra de Jesus: «Vinde a mim todos vós». Na Eucaristia renovamos o pacto que nos empenha a confiar-nos a Deus e a orientar todas as forças para o advento do seu Reino no mundo.

Deixamo-nos conduzir pelo Espírito na procura da face de Deus, a exemplo das irmãs e dos irmãos que nos precederam na vocação.

Nas provas do caminho espiritual e do apostolado perseveramos sustentadas pela promessa de Jesus Mestre Eucarístico: “Não temais. Eu estou convosco. Daqui quero iluminar. Arrependei-vos dos pecados”.

13.

Atraídas pelo amor de Jesus Cristo, aderimos a Ele de modo livre e pessoal. Entramos no Caminho novo e vivo que nos guia ao Pai, na Verdade que nos torna livres e na Vida que nos preenche de alegria.

Caminhamos em novidade de vida, impelidas à plena configuração a Cristo no seu Mistério Pascal: “Fui crucificado com Cristo e não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Esta vida na carne, eu a vivo na fé do Filho de Deus que me amou e se entregou por mim”.

DIAS SIGNIFICATIVOS PARA A MEMÓRIA AGRADECIDA

21 de novembro de 1923: Úrsula Rivata e Metilde Gerlotto são colocadas a parte para iniciar uma nova obra na Família Paulina.¹⁰

26 de novembro de 1971: morre, em Roma, o Bem-Aventurado Tiago Alberione, nosso Fundador.

29 de novembro de 1936: Madre Escolástica com Ir. M. Elia Ferrero partem do porto de Nápoles para a fundação de uma comunidade no Egito¹¹ e chegam em Alexandria/Egito no dia **2 de dezembro**.

9 de dezembro de 2013: a Serva de Deus Madre Escolástica Rivata é reconhecida Venerável pelo Papa Francisco.

12 de janeiro de 1948: recebemos a Aprovação pontifícia.¹²

24 de janeiro de 1948: morre o Bem-Aventurado Timóteo Giaccardo, fidelíssimo entre os fiéis do Fundador.¹³

10 de fevereiro de 1924:¹⁴ em memória de Santa Escolástica, o Pe. Tiago Alberione dá início, em Alba, a Congregação das Pias Discípulas do Divino Mestre.

¹⁰ Cfr *A árvore ...*, pag.38-39.

¹¹ Cfr *A árvore ...*, pag. 92-94.

¹² Cfr *A árvore ...*, pag.195 ss.

¹³ Cfr *Divin Maestro*, n.8, fevereiro de 1948, no arquivo geral das PDDM; entre os textos do apêndice.

¹⁴ Na meditação feita em 10 de fevereiro de 1947 (APD 1946-47, 129), antes da aprovação diocesana, Pe. Alberione disse: «Agradeçamos hoje ao Senhor por todas as graças que Ele nos concedeu desde 1908, e, depois, nos anos que foram particularmente importantes para vocês, como os anos 1919, 1923, 1924, 1947. Dar graças é sempre o primeiro dever».

**CONGREGAÇÃO DAS
PIAS DISCÍPULAS DO DIVINO MESTRE**
Casa Generalizia – Via Gabriele Rossetti, 17 – 00152 – Roma

<http://pddm.org>